

Cornucópia de promessas

JÂNIO QUADROS

"Não entre aqui quem não for geômetra". Platão (inscrição na Academia)

A TV Globo tem ouvido, sobre os graves problemas nacionais, os candidatos mais conhecidos. Dentre eles avultam dois. O ex-Ministro Aureliano Chaves e o Deputado Luiz Inácio, o Lula. Os dois foram os únicos com apresentação satisfatória.

O primeiro, com larga experiência de administração, conhecedor em consequência dos males que afligem o País, saiu-se bem. Com desenvoltura e autoridade examinou as questões mais relevantes que explicam o transe que a nacionalidade vive. Revelou personalidade convincente. Conhecimentos profundos e seguros. Sem dúvida alguma é o resultado da experiência que o mineiro acumulou em seu longo percurso na vida pública. Revela a autoridade que demonstrou, sem contornar as perguntas que lhe eram endereçadas. Desenvolto e rápido. Falava sempre com conhecimento de causa, o que justificava a impressão final de homem competente, apto para o exercício da chefia da Nação.

O segundo, o Deputado Luiz Inácio, não se saiu mal. Fluente, audacioso, produziu respostas, às vezes imprecisas, mas sempre finais. Não foi mal na apresentação das suas idéias, que defendeu com galhardia, de olhos sempre postos na opinião pública. Desejava afastar de si o julgamento negativo, a parte fanática que a sua legenda abriga, de manifesto sentido revolucionário. Hábil, ficou em afirmações gerais produzidas com ênfase. Revelou autoridade também desfazendo em parte a impressão de que preconiza erradicar a ordem

sócio-econômica vigente. Essa a impressão deixada por ambos.

Certamente o ex-Ministro Aureliano teve a melhor apresentação. Não há dúvida de que é homem familiarizado com as graves questões nacionais. Conhece-as e, com desenvoltura, sugere remédios eficazes para os seus males.

Isso para examinar, apenas, duas presenças recentes de postulantes à Presidência. Os demais candidatos não merecem menção. Sem dúvida, falhos na cultura e na experiência. Usavam só expressões sedições. Desvirtuadas, muitas vezes pela linguagem claudicante. Nada disseram ou disseram mal. Deixaram os entrevistadores felizes, convencidos esses postulantes de que haviam conquistado os ouvintes.

O que se deduz dessa série de apresentações é que a sucessão vai mal. Votando o povo no próximo pleito, receio que o número de sufrágios em branco seja impressionante. Até este momento ninguém galvanizou o eleitor. Ninguém o impressionou de tal sorte a comprometer o seu voto, isto é, a fixá-lo no nome preferido. O elenco é grande. Nunca, na história, igual número de postulantes pretendeu a chefia da Nação. Nunca tantos procuraram tanto a preferência das ruas e dos campos. Cerca de 20, número que assombra e tem que ser decantado até reduzir-se a algarismo que comporte com singeleza a legítima opinião.

Dizer-se que esta disputa ocorre na maior nação latina é, simplesmente, inacreditável. O Brasil, por sua expressão geográfica e populacional, é um dos grandes Estados do Mundo. A huma-

nidade muito espera dele. Da sua vocação libertária. Do seu civismo. Da sua generosidade. Da sua capacidade criadora. Da sua formação cristã.

Até agora os debates dos candidatos, entrevistas que deram, a opinião que emitem, lembram antes uma rédua de candidatos à chefia de um grêmio, de um clube, sem o exame profundo e capaz de qualquer de seus problemas fundamentais.

Não se examinou a federação, os seus erros e acertos. O regime presidencialista e, ao converso, o parlamentarismo. As questões que afligem a sua população. O analfabetismo. E a educação, particularmente a profissionalizante. As endemias. O desemprego e o subemprego. A penetração no Norte e a valorização do Nordeste. Os vastos espaços do interior despovoados ou improdutivos. E suas ferrovias e hidrovias. A malha rodoviária. A problemática das migrações e da imigração. A reforma agrária. A segurança de suas fronteiras nos extremos recônditos do País. A navegação oceânica ou fluvial. O sistema portuário. A integração da Pátria comum. O crédito e seus agentes oficiais ou privados. As dificuldades que enfrenta a sua aviação doméstica, força de civilização e progresso. As relações externas nos planos econômico e político.

Nada enfim. O que se pretende é atingir o Palácio da Alvorada à base de uma cornucópia de promessas. Vagas, inseguras, que o vento leva, não deixando nada atrás de si. Se o quadro não melhorar, com exame sério desses e outros problemas, serão infundadas quaisquer esperanças para o futuro.